

PSICOTERAPIA DE GRUPO EM UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

2011

Camila André de Souza

Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP, São Paulo, Brasil)

ca_mila11@hotmail.com

RESUMO

Frente à crescente demanda por atendimento psicológico, o modelo tradicional de psicoterapia individual não tem sido mais suficiente, e a psicoterapia em grupo tem se destacado como uma alternativa para a realização de um trabalho que tenha uma abrangência maior. O presente trabalho propôs-se a investigar as reflexões que os psicólogos, que atuam com psicoterapia de grupos na abordagem fenomenológico-existencial, têm em relação a sua prática, buscando compreender como esses profissionais percebem os resultados de seu trabalho, as bases teóricas que sustentam sua atuação e se as mesmas têm sido, na opinião deles, suficientes.

O método utilizado para a análise dos dados foi o método fenomenológico passando por três momentos: primeiramente cada entrevista foi individualmente analisada, em seguida foi endereçada para a aprovação de cada entrevistado de modo que, caso fosse necessário, ele pudesse solicitar alterações na análise realizada, e por fim foi feita uma análise integrada das entrevistas discutindo os resultados com a base teórica utilizada. Através das entrevistas, pude concluir que, de acordo com os profissionais entrevistados, realmente não há material expressivo sobre o trabalho com grupos na abordagem fenomenológico-existencial, o qual se apresenta como um modelo de trabalho capaz de produzir efeitos terapêuticos tão ou mais importantes que a psicoterapia individual; sendo necessário um maior aprofundamento do conhecimento dessa área.

Palavras-chave: Psicoterapia em grupo, fenomenologia-existencial

1. INTRODUÇÃO

Frente à crescente demanda por atendimento psicológico, o modelo tradicional de psicoterapia individual tem se apresentado insuficiente para atender a grande demanda, visto ser um modelo que se encontra elitizado em nossa sociedade, não tendo muito alcance às camadas mais pobres.

Dentro desse contexto, a psicoterapia em grupo tem se destacado como alternativa para a realização de um trabalho com uma abrangência maior, para alcançar todas as camadas da sociedade.

Pode-se julgar precipitadamente que o atendimento em grupo traga menos resultados, ou que ainda não seja tão profundo quanto a psicoterapia individual, mas o que os autores que serviram de base para essa pesquisa defendem é justamente o contrário, como afirmam Yalom & Leszcz (2006), a psicoterapia de grupo pode ter resultados semelhantes ou até mais significativos do que os alcançados em uma psicoterapia individual.

Assim como em outras abordagens, o método fenomenológico-existencial pode também oferecer benefícios a essa prática com grupos, porém no momento há pouca bibliografia que trate do assunto, fazendo-se necessária a construção de conhecimento sobre o tema.

Dessa forma, a presente pesquisa, propôs-se a investigar quais reflexões os psicólogos, que atuam com psicoterapia de grupos na abordagem fenomenológico-existencial, têm em relação a sua prática, buscando também compreender como esses profissionais percebem os resultados de seu trabalho, as bases teóricas que sustentam sua atuação e se elas se apresentam suficientes, de maneira que se possa perceber seus benefícios e também seus limites.

1.1 Apresentação

1.1.1 Origens e fundamentos da psicoterapia de grupo

A psicoterapia de grupo apresenta certa divergência em relação ao seu marco de inauguração, assim como afirmam BECHELLI & SANTOS (2004). Nos Estados Unidos atribui-se que esse modelo surgiu a partir dos trabalhos de Joseph H. Pratt em 1905, com o objetivo de propiciar aos pacientes que faziam parte do grupo, meios para que pudessem cuidar melhor de si mesmos e manter cuidados ligados a suas doenças. Depois esse processo de construção teve continuidade em 1920 com Lazell descrevendo seu modo de trabalhar com grupos em uma abordagem psicanalítica. Temos entre os anos de 1909 e 1912, Marsh trabalhando em grupo com

pacientes “psiconeuróticos”; e na época, Burrow também realizou trabalhos em grupo com não psicóticos.

Na Romênia entre 1910 e 1914, Moreno desenvolve grupos de discussão e auto-ajuda com crianças e grupos com prostitutas. Na mesma época, em Viena, Adler formou grupos com pais e filhos; enquanto na Áustria e Rússia eram aplicadas por alguns psiquiatras técnicas de “Terapia Coletiva” (BECHELLI & SANTOS, 2004)

De acordo com BECHELLI & SANTOS (2004), na década de 40, pós-guerra a demanda para psicoterapia aumentou, e devido a insuficiência de psicoterapeutas, uma das maneiras de atender a grande procura, foi através da psicoterapia de grupo.

Podemos constatar, através do trabalho de BECHELLI & SANTOS (2004), que o início da psicoterapia de grupo foi marcado pela abordagem psicanalítica, e com o tempo foi se expandindo a outros modos de se pensar o homem, aumentando a literatura científica do tema.

Yalom & Leszcz (2006) defendem que, apesar de algumas pessoas ainda apresentarem resistência a esse modelo de atendimento, ele já tem tido sua eficácia comprovada. Segundo esses autores, a psicoterapia de grupo tem efeitos tão ou mais abrangentes que a psicoterapia individual.

Em seu livro “Psicoterapia de Grupo: Teoria e Prática”, Yalom & Leszcz (2006) definem onze linhas naturais que dividem a experiência terapêutica em grupo, sendo elas:

- Instalação da Esperança
- Universalidade
- Compartilhamento de Informações
- Altruísmo
- Recapitulação Corretiva do Grupo Familiar Primário
- Desenvolvimento de Técnicas de Socialização
- Comportamento Imitativo
- Aprendizagem Interpessoal
- Coesão Grupal
- Catarse
- Fatores Existenciais

Segundo Yalom & Leszcz (2006), a esperança, além de manter o cliente em terapia, por si só é terapêutica, pois pode ter efeitos psicológicos no cérebro do indivíduo, possibilitando melhora significativa em relação à cura. É importante que o líder do grupo motive os membros a acreditarem nos efeitos do trabalho, bem que como ele acredite em si mesmo e no trabalho que desenvolverá.

Yalom & Leszcz (2006) nos dizem que, de maneira geral os pacientes começam a psicoterapia acreditando que seu problema é único, principalmente aqueles que passam por elevado isolamento social. Quando percebem que outras pessoas vivenciam situações e sentimentos semelhantes, sentem grande alívio, nesse sentido o terapeuta deve incentivar os outros membros a perceberem suas similaridades de maneira a superar outros obstáculos, como questões culturais, que também precisam ser discutidas, mas mantendo o foco da atenção no que se tem em comum, ou seja, na universalidade de alguns fenômenos.

Em relação ao compartilhamento de informações, ele afirma ser implícito à psicoterapia o fato de ocorrer um processo educativo que traz ao paciente conhecimento sobre o funcionamento psicológico, dinâmica interpessoal, entre outros. Podem acontecer palestras sobre assuntos afins às questões trabalhadas no grupo ou também o incentivo para que os membros troquem informações entre si. Porém, dependendo do grupo há o processo psicoeducacional acontecendo de maneira explícita (para transtornos específicos). Ensinam-se técnicas específicas como controle do estresse. (Yalom & Leszcz, 2006)

Segundo Yalom & Leszcz (2006), pode também acontecer um aconselhamento direto, diminuindo as resistências entre os membros em manter um envolvimento mais profundo, de maneira a propiciar um ambiente onde haja interesse e cuidados mútuos, já que quando o aconselhamento parte de vivências e emoções, principalmente de outros membros, ele tem um efeito maior do que quando é feito com base racional, intelectualizada.

Para Yalom & Leszcz (2006), o altruísmo tem papel fundamental, visto que a troca de cuidados que acontece no grupo beneficia a ambos os envolvidos, ao que oferece ajuda e ao que recebe; aquele que contribui com o outro tem a oportunidade de se sentir útil, de se compreender como alguém capaz de oferecer algo importante, melhorando sua autoestima e atribuindo maior sentido à vida; para aquele que recebe, a troca também é muito rica, porque é muito mais fácil de os pacientes aceitarem colocações dos outros membros do que do próprio terapeuta. Porém há alguns indivíduos que não aceitam a ajuda nem dos outros membros, geralmente não aceitam por não se sentirem capazes oferecer algo para os outros; sentimento esse que pode mudar no decorrer da terapia.

Outro aspecto que, de acordo com Yalom & Leszcz (2006) se faz presente no atendimento psicoterápico é a recapitulação corretiva do grupo familiar primário. A maior parte das pessoas em grupos de terapia apresenta histórico familiar carente de experiências satisfatórias. Na terapia em grupo muitas vezes as relações parentais são revividas; o indivíduo tende a transferir para o

grupo seu modelo familiar, e nesse trabalho, a intenção será a de revivenciar as questões familiares de maneira corretiva.

Ocorre ainda nesse processo, uma aprendizagem social onde, o foco será determinado por cada grupo. Segundo Yalom & Leszcz (2006), as técnicas de socialização oferecem a possibilidade de feedbacks interpessoais precisos que ajudam o paciente a perceber as discrepâncias entre sua intenção e os impactos verdadeiros sobre os outros. Propicia ao grupo maior empatia e possibilita aos membros a constituição da Inteligência Emocional.

Outro aspecto importante que Yalom & Leszcz (2006) defendem, é que os clientes podem se moldar imitando comportamentos de outros membros ou do terapeuta, isso é uma força terapêutica efetiva. Ao mesmo tempo, o indivíduo pode se deparar com atitudes do outro que não aceita como apropriadas, o que também é importante no sentido de uma maior compreensão de si.

Acerca da aprendizagem interpessoal, Yalom & Leszcz (2006) afirmam que são imprescindíveis bons vínculos para a sobrevivência. Construimos nossa autoestima a partir da maneira como percebemos as opiniões dos outros. As distorções que ocorrem nos relacionamentos com o outro estão geralmente ligadas às lembranças distorcidas que o sujeito tem de experiências pelas quais já passou, e isso o leva a agir, por vezes, de maneira a manter relações desagradáveis.

A “validação consensual” pode auxiliar nesse caso levando a uma reflexão sobre as discrepâncias entre a autoimagem do sujeito e a imagem que os outros têm dele, além de outras técnicas como: psicoeducação, resolução de problemas, treinamentos em habilidades interpessoais, dramatização de papéis e feedback. O autor destaca que as mudanças de representações internalizadas e de comportamentos ocorrem principalmente quando o sujeito vivencia e ressignifica experiências no aqui e agora.

A coesão grupal, segundo Yalom & Leszcz (2006), desempenha papel importante, já que o relacionamento humano positivo é essencial na terapia de grupo. É necessário que haja na relação de todos os membros entre si e também com o terapeuta: confiança, afeto, entendimento empático, aceitação, sentimento de pertencimento; e todos esses aspectos que propiciam a formação de um vínculo terapêutico que facilitam o trabalho interventivo e a expressão de sentimentos. O ambiente deve ser facilitador de maneira a auxiliar no crescimento dos membros, uma abertura para uma exploração mais profunda e ampla. Um grupo coeso também possibilita a expressão de comportamentos hostis e surgimento de conflitos, mas nesse contexto eles tendem a ser resolvidos de maneira a não romper os relacionamentos.

De acordo com o que nos diz Yalom & Leszcz (2006), nos trabalhos em grupo costuma se fazer presente o fenômeno de catarse, onde são explorados aspectos próprios do ser que ainda estão desconhecidos ou são evitados. Através das descargas emocionais, o indivíduo tem a

possibilidade de refletir sobre suas emoções, o que é um componente importante para a mudança. Mas é importante lembrar que a catarse é mais proveitosa quando ocorre em grupos coesos.

Acerca dos fatores existenciais, podemos compreender a partir de Yalom & Leszcz (2006), que eles surgem frequentemente na terapia. A abordagem existencial-humanística é um modelo que reflete bem a terapia de grupo contemporânea onde as questões existenciais são de grande relevância em vários grupos e grandemente valorizada pelos membros.

1.1.2 Psicoterapia em grupo na abordagem fenomenológico-existencial

A terapia a partir dessa abordagem tem uma maior receptividade na Europa, onde o histórico de guerras tem valorizado muito essas questões, diferentemente do que ocorre na América do Norte.

“...a abordagem existencialista na terapia não é um conjunto de procedimentos técnicos, mais basicamente uma atitude, uma sensibilidade para com os fatos da vida que são inerentes à condição humana.”(Yalom & Leszcz, 2006, p.95)

É importante que os membros do grupo de terapia estejam cientes e aceitem os limites imutáveis da vida: Mortalidade, Liberdade, Responsabilidade. Segundo Yalom & Leszcz (2006), os 5 itens abaixo representam sentimentos concernentes aos fatores existenciais e imprescindíveis ao contexto da terapia:

- “1 – Reconhecer que a vida às vezes é injusta;
- 2 – Reconhecer que essencialmente não existe saída da própria vida e para a morte;
- 3 – Reconhecer que, não importa o quanto eu me aproxime de outras pessoas, ainda devo enfrentar a vida sozinho;
- 4 – Enfrentar as questões básicas de minha vida e da morte e, assim, viver minha vida de forma honesta e prender-me menos a trivialidades;
- 5 – Aprender que devo assumir a responsabilidade completa pela maneira como levo a vida, não importa quanto apoio e orientação eu receba dos outros.”(p.93)

De acordo com a fenomenologia-existencial, Yalom & Leszcz (2006) nos diz que o homem mantém uma disputa com o que é existencialmente determinado (morte, isolamento, liberdade e falta de sentido): somos seres finitos, mas não queremos deixar de existir; queríamos um modelo

para nossa vida, mas nossa vida é uma construção individual; queremos fazer parte de um todo maior significativo, precisamos do significado, mas o mundo não o tem embutido, sendo necessário darmos significados ao mundo.

Conforme diz Forghieri (2006) o existir humano segue algumas características básicas que constituem uma totalidade da existência humana. São elas: ser-no-mundo, espacialidade, temporalidade e expansividade. Quando dizemos que o homem é sempre “ser-no-mundo” isso se refere a seu modo de ser que é sempre em relação a algo, seja a seu mundo circundante, seja aos outros ou a si mesmo. Já em relação à “temporalidade” podemos afirmar que faz parte também do existir humano a vivência do tempo, é “a nossa vivência imediata do tempo, que consiste em um constante fluir, um perene presente que integra tanto o passado como o futuro.”(Forghieri, 2006, p.98)

Ao mesmo tempo o homem sempre está vivenciando sua “espacialidade”, sua vivência do espaço imediato, sendo que um mesmo espaço pode ser experimentado como um espaço amplo, claro e aconchegante em um determinado momento em que o sujeito se sente bem, e em outro momento ser vivenciado pela mesma pessoa como escuro, restrito, desconfortável, etc. Já a “expansividade” se refere a uma “subida” ou descida”, por exemplo, em um momento de profunda depressão o sujeito pode ter a sensação de afundar-se, enquanto em um momento de grande euforia pode sentir-se como se fosse içado ao alto. (Forghieri, 2006)

O homem pode se relacionar com as questões fundamentais da existência de duas formas: através do “esquecimento do ser” (ignorando sua situação na vida, vivendo nas distrações cotidianas, sem preocupação com o estado das coisas); ou com “atenção ao ser” (vivendo de forma autêntica, com estado de consciência do ser, aceitando possibilidades e limites e consciente da própria responsabilidade;). (Yalom & Leszcz, 2006)

E é como base em todos esses aspectos da existência humana até então discutidos que afirma Forghieri (2000) em relação a saúde:

“ser sadio existencialmente consiste tanto em se abrir às próprias possibilidades em aceitar e enfrentar os paradoxos e restrições da existência. A saúde existencial está profundamente relacionada ao modo como conseguimos estabelecer articulações eficientes entre a amplitude e as restrições de nosso existir” (p.53)

As pesquisas das quais Yalom & Leszcz (2006) mencionam em seu livro demonstram que os membros dos grupos de terapia dão grande valor aos fatores existenciais e os classificam como os agentes de mudanças, mesmo quando o terapeuta segue outra linha teórica e dê outra explicação para a melhora do caso.

Segundo Andrade & Morato (2004), as práticas psicoterápicas precisam ser assentadas em um modo de agir que considere o sujeito global, em sua alteridade, complexidade e em vários

aspectos que fundam o seu modo de ser; que se aproximem do fenômeno humano propriamente dito.

Nessa nova perspectiva trazida por esses autores, se abandonam na prática psicológica as antigas questões ético-morais que eram vistas como verdades absolutas; abandona-se o modelo metafísico que pretendia separar a verdade da aparência; não se pensa mais a ética como valor imutável, pelo contrário, ela é analisada em sua transformação contínua e pluralidade, não se busca mais uma natureza humana que traga em si pronta os valores sociais, em outra perspectiva esses valores passam a ser vistos como socialmente construídos. Segundo Andrade & Morato:

“Ao longo desta análise, Ética se referirá mais propriamente à etimologia de éthos (que, originariamente, significava assento, morada), designando posturas existenciais e/ou concepções de mundo capazes de dar acolhimento, assento ou morada à alteridade. Acolhimento à diferença produzida na processualidade que não se deixa capturar ou reduzir a ideais ou leis de conduta.” (2004, p. 346)

Ou seja, a postura do profissional frente à alteridade muda, pois o diferente não é mais visto como desviante; ele é visto apenas como diferente, e o psicólogo em sua atuação buscará acolher a alteridade de maneira a aprender com o outro sobre seu modo de ser-no-mundo. O psicólogo não buscará explicar os comportamentos do outro em termos de causalidade, o terapeuta sai da posição de “aquele que sabe” para se colocar na posição de um mediador que auxiliará na busca de traçar um sentido conjunto.

O profissional deve ter uma postura que acolha o outro em seu modo de ser, de pensar, de sentir e de se expressar, que são idiossincráticos e se modificam na suas relações com o mundo (Dutra, 2004). E, baseado em Heidegger, o mesmo autor nos esclarece:

“podemos considerar o sujeito na sua dimensão ontológica, como um ser-no-mundo e vivendo numa abertura para este mundo, como ser-com, de relação, o que significa dizer, com um modo-de-ser singular, e cuja subjetividade não se encontra separada do mundo.”(Dutra, 2004, p.384)

De acordo com Dutra (2004), o psicólogo deve ter, não mais as teorias prontas que se encaixem nos sujeitos, mas um posicionamento ético e político em sua prática profissional.

Através da compreensão de todo esse referencial teórico discutido até então, podemos perceber a importância de uma abordagem fenomenológico-existencial no trabalho com grupos. Dessa maneira o presente trabalho pesquisou junto aos profissionais que atuam com grupos nessa abordagem quais as reflexões que realizam em relação às suas práticas.

1.2 Objetivos Gerais

Busca-se com este estudo a construção de conhecimento sobre a prática psicoterápica fenomenológico-existencial em seu modelo de atuação com grupos.

1.3 Objetivos Específicos

Pretende-se ainda:

- Aproximar-se de uma compreensão dos sentimentos e sensações que esse profissional vivencia em relação a sua prática;
- Desvelar como esse psicólogo tem visto seu modelo de trabalho em termos de eficácia;
- Estabelecer uma aproximação das fontes de conhecimento das quais esse profissional se baseia em sua atuação com grupos;
- E compreender quais as questões apresentadas por ele como aspectos positivos e possíveis pontos de melhoria.

1.4 Justificativa Social

A psicoterapia em grupo é uma alternativa possível para atender a crescente demanda social por atendimento psicológico, expandindo os limites do modelo tradicional de psicoterapia. Dessa forma a construção de conhecimento sobre esse tema pode contribuir para a compreensão/divulgação de um modelo de atendimento que apresente maior abrangência.

1.5 Justificativa Científica

Pretende-se contribuir com esta pesquisa no sentido de uma maior compreensão sobre os pontos a serem aprofundados em posteriores pesquisas na área de Psicoterapia de Grupo dentro da Abordagem Fenomenológico-Existencial.

1.6 Justificativa Pessoal

O meu interesse no trabalho com grupos nessa abordagem me levou a pesquisar nos meios acadêmicos sobre o tema, porém não obtive sucesso nessa busca, não encontrando material disponível sobre o tema. Com base nisso considerei interessante realizar uma pesquisa que pudesse me propiciar uma aproximação do tema, contribuindo com minha formação acadêmica, bem como em um caminho que possa trilhar em possíveis novas pesquisas.

2. METODOLOGIA

Entre os possíveis métodos de pesquisa, o pesquisador pode escolher por um modelo de investigação quantitativo, qualitativo ou ainda misto, dependendo do fenômeno que pretende estudar e sob que aspecto propõe-se a analisá-lo.

A pesquisa quantitativa é realizada quando se tem por objetivo mensurar aspectos objetivos de um determinado objeto de pesquisa, buscando traçar uma análise estatística dos dados coletados. Já na pesquisa qualitativa o objetivo é o de se analisar aspectos subjetivos do fenômeno, buscando compreender os significados, representações e percepções, sem a obrigação de quantificá-los.

Além desses dois modelos ainda existe o método de pesquisa que é considerado misto, ao se utilizar ao mesmo tempo de uma análise quantitativa e qualitativa.

O presente trabalho visa à construção de conhecimento sobre o tema através de uma pesquisa qualitativa, que conforme defende Duarte (2002) trata-se de pesquisa que obtém conteúdos mais “significativos e densos” (p.151), trazendo à luz, conteúdos que dificilmente surgiriam em um modelo de pesquisa quantitativa, por se tratar de aspectos subjetivos do fenômeno estudado.

Porém, por se tratar de pesquisa com tema ainda pouco discutido o modelo escolhido, dentre os do método de pesquisa qualitativo, foi o de tipo exploratório, que de acordo com Gil (1995) tem por objetivo “proporcionar visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato” (p.45), ou seja, através desse modelo de pesquisa pode-se criar um panorama geral sobre o tema. Piovesan & Temporini (1995) descrevem esse método com de natureza contextual, onde se busca conhecer as experiências reais dos sujeitos em seu contexto. Por essa razão a pesquisa foi realizada com profissionais que atuam com atendimento psicológico em grupos através da abordagem fenomenológico-existencial.

Segundo Polit & Hungler (2004), o pesquisador pode realizar uma pesquisa exploratória por ter o desejo de uma rica compreensão do fenômeno de seu interesse, maior do que um estudo

descritivo poderia oferecer, razão relevante principalmente ao se tratar de uma área de investigação nova, ainda pouco investigada, sem teorias satisfatórias identificadas.

Por se tratar de um território ainda pouco explorado e a presente pesquisa pretender uma aproximação da prática sem ideias pré-concebidas, não parto de nenhuma hipótese, buscando sim, um contato com o contexto do trabalho com grupos na abordagem fenomenológico-existencial que permita o surgimento de novos saberes.

Dessa maneira, foram realizadas entrevistas com 4 sujeitos que possuem experiência prática nesse contexto, conforme descritos abaixo, buscando compreender como eles veem sua prática, quais os sentimentos e percepções vivenciados, bem como suas opiniões sobre o próprio trabalho, entre outras questões que os participantes consideraram importante compartilhar em relação ao tema da pesquisa.

O método utilizado para a análise das entrevistas foi o método fenomenológico, que assim como afirma Garnica (1997) é um modelo em que “o pesquisador busca apreender aspectos do fenômeno por meio do que dele dizem outros sujeitos com os quais vive, interrogando-os de modo a focar seu fenômeno.”(p.115).

Ainda segundo Garnica (1997), podemos considerar que a descrição realizada do fenômeno observado ocorre como uma tentativa de, na comunicação, romper com a impossibilidade da total apreensão da experiência vivenciada pelo sujeito, visto que a descrição dá indícios da maneira como o fenômeno foi percebido pelo sujeito, na medida em que as transcrições vão sendo analisadas.

Conforme afirma Forghieri (1989) o psiquismo humano inclui outros aspectos que não podem ser captados pela observação externa, como é o caso da experiência vivida, experiência essa que adquire um sentido específico para quem a vivencia. Dessa maneira, para compreender, o pesquisador precisará de informações acerca das vivências trazidas pelo próprio sujeito que as vivenciou.

2.1 Sujeitos e local

Foram entrevistados 4 profissionais da área de psicologia que atuam com grupos dentro da abordagem fenomenológico-existencial. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho do entrevistado.

2.2 Aparatos e instrumentos

Foram utilizados para a realização da pesquisa: computador, gravador e entrevista semi-estruturada (Anexo 1)

2.3 Procedimentos de condução

Entrei em contato com os profissionais que atuam na cidade de São Paulo com psicoterapia de grupo na abordagem fenomenológico-existencial, conforme especificado anteriormente; para informa-los ao tempo de duração da entrevista e seus objetivos; agendei as entrevistas no próprio ambiente de trabalho do entrevistado.

Depois de compilados, os dados passaram por uma análise segundo metodologia de compreensão fenomenológica, conforme descrito no tópico “Procedimentos analíticos” (6.5).

2.4 Procedimentos éticos

Com base na resolução CFP 016/2000 que versa sobre a Pesquisa em Psicologia com seres humanos, o presente trabalho foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa que é reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, constando nesse documento os objetivos, relevância teórica e social, procedimentos a serem adotados e salvaguardas éticas.

Segundo essa resolução, para que a pesquisa possa ser realizada, o psicólogo precisa se assegurar de que a participação do sujeito na pesquisa seja voluntária, que ele esteja a par dos objetivos da pesquisa e como os dados coletados serão utilizados, e, ao mesmo tempo deve se assegurar de que houve compreensão sobre as implicações de sua participação.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa, antes de concederem a entrevista, devem ter lido e assinado o Termo de Consentimento (Anexo 3), onde está discriminado tratar-se de participação voluntária, e que foi esclarecido e compreendeu os procedimentos que serão utilizados e suas conseqüências, que foram informados também acerca do objetivo da pesquisa e como as informações coletadas seriam utilizadas pelo pesquisador.

Esta pesquisa oferece risco mínimo, visto que os procedimentos não ofereceram riscos aos participantes, sua identidade será preservada e os dados coletados não serão utilizados para outros objetivos que não os mencionados na pesquisa. Além disso, conforme determinação da resolução CFP 016/2000 será mantido o sigilo caso o pesquisador tome conhecimento de

transgressões de qualquer natureza, mesmo que não envolvam risco iminente e grave, e caso isso ocorra os dados serão levados ao Comitê de Ética em Pesquisa.

2.5 Procedimentos analíticos

Os dados obtidos na pesquisa foram compilados e passaram por uma análise fenomenológica, dentro de uma metodologia que buscou compreender o fenômeno como ele aparece, sem interpretações secundárias. Dessa forma o pesquisador buscou se aproximar de uma compreensão do discurso, em consonância com o significado dado pelo próprio sujeito, construindo assim um conhecimento em conjunto.

Conforme Forghieri (1989) o psiquismo humano inclui outros aspectos que não podem ser captados pela observação externa, como é o caso da experiência vivida, experiência essa que adquire um sentido específico para quem a vivencia. Dessa maneira para compreendê-la o pesquisador precisará de informações trazidas pelo próprio sujeito que a vivenciou.

A pesquisa fenomenológica passa então por dois momentos, o envolvimento existencial e a análise reflexiva. Na fase de envolvimento existencial, o pesquisador buscará esquecer seus conhecimentos teóricos de maneira a abrir-se para compreender a experiência trazida pelo sujeito, se aproximando de tal forma da vivência relatada deixando “surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência.”(Forghieri, 1989, p.60)

Na fase de distanciamento reflexivo, o pesquisador buscará distanciar-se por instantes da vivência refletindo sobre ela de modo a compreender seu sentido e significados, durante todo o processo, procurando manter uma ligação com a vivência. Dessa forma temos os dois momentos se alternando até que o pesquisador tenha elaborado uma descrição aprofundada (Forghieri, 1989).

Após o discurso ter passado por essa análise, a compreensão obtida pelo pesquisador foi trazida para o sujeito para apreciação deste, e caso necessário, a descrição inicial sofreria correções.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com cada sujeito, e após esse primeiro momento cada um dos discursos foi analisado individualmente pelo pesquisador e encaminhado para o sujeito da pesquisa que pôde opinar sobre a análise, e assim, colaborar para a compreensão do pesquisador sobre o discurso.

3. RESULTADOS

As entrevistadas apresentam de 3 a 20 anos de experiência em trabalho com grupos na abordagem fenomenológico-existencial.

Todas acreditam que o trabalho com grupos é um modelo de atuação que traz resultados terapêuticos significativos, semelhantes ou mais evidentes do que na psicoterapia individual.

Uma das entrevistadas acredita também que frente à realidade de nosso país deveria ser algo mais praticado; assim como também afirmam os autores utilizados nessa pesquisa.

Em termos de benefícios do trabalho com grupos na abordagem fenomenologia-existencial, foram elencados os seguintes pontos:

- A possibilidade de se trabalhar as histórias existenciais, formando uma rede de histórias que vão tomando um sentido diferente assim que compartilhadas com o grupo;
- Compreender o modo de ser de cada um dos integrantes através da sua relação com o grupo, indo além da compreensão dual que se dá na psicoterapia individual, tendo no grupo várias vias de troca, o que potencializa esse trabalho;
- Não partindo de um modo de trabalho já previamente construído, o psicólogo tem a liberdade de criar sua prática de acordo com a demanda trazida pelo grupo, não precisando manter-se neutro;
- A troca que se dá dentro do grupo propicia uma identificação entre os membros, ao perceberem que outras pessoas também sofrem assim como eles;
- O acolhimento que se dá no grupo tem uma força diferente e até mais forte do que acolhimento individual, no sentido em que os outros participantes estão muitas vezes na mesma condição e esse acolhimento se dá de outra forma;
- No trabalho em grupo muitas vezes as pessoas se mobilizam por caminhos que não são os mais óbvios, caminhos que em uma psicoterapia individual poderiam demorar muito. Nesse sentido nos grupos se tem respostas mais rápidas para as questões que o sujeito traz;
- Sendo a fenomenologia-existencial uma abordagem descritiva, se mantém fiel ao que é trazido pelo cliente, favorecendo um acesso mais direto ao fenômeno;
- É um modelo de trabalho que toma como base o que o grupo traz enquanto experiência vivida, desvelando os significados que o sujeito atribuiu para aquilo que lhe ocorreu, num movimento de mobilizar o outro, se afetar e se identificar pelo que é do outro;

- O grupo apresenta um movimento próprio que precisa ser respeitado, e o psicoterapeuta nessa abordagem tem muito mais uma postura de mediador e que só irá intervir quando necessário;
- O terapeuta não assume uma posição do saber, pelo contrário, o terapeuta fenomenológico se colocará justamente na posição do não saber, propiciando uma construção conjunta, onde cada integrante interaja com os outros e não apenas com o terapeuta;
- É um trabalho que favorece uma ampliação da consciência de cada participante, propiciando uma melhor visão de si, de si no mundo e de si nos relacionamentos;
- O psicólogo estará atento tanto ao modo do cliente se relacionar com o terapeuta como também ao modo como ele se relaciona com os outros membros, pensando no jeito dele ser e estar no mundo com essas pessoas dentro do grupo;
- Cada participante do grupo tem um retorno dos outros participantes sobre sua imagem, até de uma maneira mais amplificada do que em um atendimento individual, percebendo o quanto seu modo de ser afeta o outro e o quanto é afetado por ele, facilitando a comunicação entre a pessoa e o mundo;
- O que os outros integrantes dizem é por vezes mais representativo para o cliente do que propriamente aquilo que é dito pelo terapeuta;
- O modo de agir de cada um tem uma repercussão, e no grupo se pode perceber como o outro se sente em relação àquilo que cada um mostra, buscando uma ampliação da consciência e a possibilidade de cada um encontrar novas formas de lidar com determinada situação,
- Os clientes muitas vezes se comovem pelo que é do outro;
- Dar ênfase à vivência do “aqui e agora”, tudo o que é dito tem sua importância, mas a maneira como se dão as relações dentro do grupo, como as pessoas se sentem ou não ouvidas e/ou constrangidas, o que aquilo que é dito mobiliza no grupo, muitas vezes são questões ainda mais importantes, sendo muito valiosa ali a relação que se dá, além do conteúdo.

Além do citado acima, outros pontos que foram levantados nas entrevistas como aspectos importantes que devem ser considerados na prática com grupos são:

- Duas das entrevistadas afirmaram que é necessário que se tenha critérios para o trabalho com grupos, que não é um trabalho indicado para todos os casos, por exemplo, ao se

tratar de pacientes em crise, com pânico, com depressão de moderada para grave, entre outros.

- Duas entrevistadas acrescentaram que é importante a realização de um contrato terapêutico bem feito onde fique clara a questão do sigilo e da corresponsabilidade pelo processo terapêutico.
- A entrevistada 2 afirmou também que o trabalho mais aberto pode propiciar maior ansiedade nos integrantes do grupo, sendo essa uma questão a ser cuidada; mas por outro lado também traz uma liberdade que é saudável.
- A entrevistada 4 salientou a importância de se formar uma coesão do grupo, apesar das dificuldades que possam surgir na vivência.

Em relação a bibliografia, duas das entrevistadas utilizam em seu trabalho material teórico apenas da fenomenologia-existencial e sentem que é o suficiente para sua atuação, e as outras duas além de utilizarem a fenomenologia-existencial se utilizam também de recursos do psicodrama.

Os autores mencionados por cada uma das entrevistadas como base para sua atuação foram:

- Entrevistada 1 – Merleau-Ponty, Sartre, Husserl, Dulce Critelli e de Hannah Arendt.
- Entrevistada 2 – Moreno, Yalom, Boss e Binswanger.
- Entrevistada 3 – Heidegger, Binswanger, Boss, Merleau-Ponty e Forghieri
- Entrevistada 4 – Yalom e Moreno.

Ainda acerca dessas bibliografias, as entrevistadas 1 e 3 afirmaram que essas leituras acabam não sendo tão fácil para os alunos em formação de psicologia, visto ser uma leitura mais densa, sendo nesse caso mais indicado a leitura de autores que fazem uma “ponte” entre os filósofos e a prática clínica.

Todas as entrevistadas afirmaram que acreditam que realmente não há muito material a esse respeito, mas pude perceber que todas demonstram sentir segurança em sua prática, vendo resultado no trabalho que realizam com grupos.

4. DISCUSSÃO

Segundo Andrade & Morato (2004), a partir da década de 90, quando o psicólogo passou a atuar na rede pública, houve uma grande mudança na área de Psicologia. O profissional que estava acostumado a trabalhar com a classe média e alta, passou a ter contato com os sujeitos de baixa renda o que gerou uma reconfiguração de sua atuação, devido a uma total divergência entre as duas realidades psicossociais.

Segundo os mesmos autores, o trabalho do psicólogo passou a levar em consideração os aspectos políticos e sociais, passando o profissional a se questionar sobre sua própria prática, deixando de pactuar com os poderes instituídos propiciando mudanças nos antigos modelos que levavam à exclusão social e à alienação.

Segundo Dutra (2004), a Psicologia Clínica tem sofrido mudanças, vem ocorrendo uma reconstrução da prática do profissional, havendo hoje uma maior preocupação com as questões sociais. Busca-se ampliar a antiga visão de que o psicólogo trata apenas de questões intrapsíquicas para uma compreensão mais abrangente que pensa a subjetividade do sujeito como uma construção atrelada ao seu contexto social e histórico.

Porém, de acordo com o autor, mesmo depois da ampliação de áreas de atuação do psicólogo, continuam sendo utilizados os antigos modelos tradicionais na clínica.

Começam a serem problematizadas também, além da questão do papel da psicologia, as questões éticas de sua atuação. O psicólogo brasileiro passa a voltar sua atenção à demanda de seu país de modo a construir conhecimento baseado em nossa realidade histórica, social e política, de maneira a não legitimar o sistema social injusto que é o modelo dominante, que exclui aqueles que não se adequam às normas sociais previamente estabelecidas. (Andrade & Morato, 2004)

Os resultados dessa pesquisa mostram que uma das entrevistadas chegou a afirmar em seu relato que acredita que frente à realidade de nosso país a psicoterapia de grupo deveria ser algo mais praticado, por ter uma maior abrangência social.

Vemos em Andrade & Morato (2004), que, mesmo frente à realidade social e ao questionamento desse antigo modelo de atuação que compactuava com os poderes instituídos, ainda nota-se que “os psicólogos tendem a reproduzir os modelos tradicionais de intervenção travestidos em técnicas ou métodos alternativos.”(p.347). Existem aqueles que realizam um trabalho de manutenção do sistema dominante e aqueles que trabalham em caráter assistencialista, desvalorizando as potencialidades da própria população; são profissionais com postura ditadora que decidem por si mesmos, da maneira que acreditam ser melhor, as questões que envolvem o grupo.

Já de acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, pudemos perceber no discurso de algumas das entrevistadas que, um dos fatores do método fenomenológico-existencial que beneficia o trabalho do grupo é justamente o fato de que o psicólogo que atende a partir dessa abordagem tem como proposta adotar uma posição do “não saber”, ocupando o papel de

mediador do grupo. E dessa forma podemos perceber que se trata de um modelo de trabalho que não compactua com o antigo modelo citado acima.

É questionado por Dutra (2004), também, o antigo modelo tradicional de psicoterapia individual, de longa duração e em clínicas privadas; começa-se a pensar se esse modelo pode se adequar aos outros campos de atuação que têm surgido.

Hoje se prima por um novo modelo de atendimento que melhor atenda essas novas demandas, no qual se destaca a psicoterapia de grupo.

Assim como YALOM, & LESZCZ (2006) afirmam e os sujeitos entrevistados percebem em sua prática, a psicoterapia em grupo traz resultados tão ou até mais abrangentes do que a psicoterapia tradicional, o que nos leva a compreender que é uma alternativa viável frente à crescente demanda social.

Porém não se pode considerar que a psicoterapia em grupo venha para substituir a psicoterapia individual; de acordo com o que foi relatado por duas das entrevistadas é necessário que se tenha critérios para o trabalho com grupos, não é um trabalho indicado para todos os casos, como por exemplo, pacientes em crise, com pânico, com depressão de moderada para grave, entre outros.

Um dos sujeitos da pesquisa também afirmou que no grupo muitas vezes se mobiliza a ansiedade nos sujeitos frente à liberdade, e isso precisa ser cuidado pelo terapeuta. Frente a isso entendo que o psicoterapeuta precise criar um clima agradável no grupo facilitando a expressão dos membros.

É importante, assim como afirmou um dos sujeitos da pesquisa, que haja coesão no grupo. Uma das psicólogas declarou que os conflitos dentro do grupo podem não ser suportados pelos clientes, por isso o psicoterapeuta precisa estar atento e intervir se necessário.

Visando o bom andamento do trabalho com o grupo, como foi colocado por duas entrevistadas, é necessário que se faça um acordo bem definido, ficando claro o que se trata ou não nesse espaço, a importância do sigilo quanto ao que é trazido pelo outro e a corresponsabilidade de todos pelo processo terapêutico.

Ao analisarmos a fenomenologia-existencial enquanto método para a realização do trabalho com grupos, todos os sujeitos concordam que traz resultados, e que a fenomenologia traz muitos benefícios para essa prática. Há modelos de psicoterapia em grupo em que cada cliente se dirige apenas ao psicoterapeuta e da mesma forma recebe um parecer (quando recebe) também só do psicólogo, sem a participação dos outros membros.

Em relação a isso a fenomenologia propõe um modelo em que cada membro se dirige a todos os outros membros do grupo podendo colaborar com o outro e também ser afetado pelo que é dito.

Com base nisso, foi citado nas entrevistas que, no trabalho com grupos, dentro dessa abordagem, um aspecto interessante é a possibilidade que o sujeito tem de perceber a si mesmo de uma maneira amplificada, à medida que tem a possibilidade de receber um retorno de qualquer membro do grupo sobre o que diz, extrapolando a relação dual psicólogo-cliente.

De acordo com os resultados da pesquisa pode-se compreender que a fenomenologia traz a possibilidade de se trabalhar as histórias existenciais, e no grupo, essas histórias se cruzam trazendo uma compreensão diferente através do olhar do grupo.

Ao mesmo tempo em que podem colaborar com o outro, ao ocorrer identificação entre os membros, cada um tem a possibilidade de se mobilizar por caminhos diferentes através da vivência relatada pelo outro. Muitas vezes, inclusive, o que é dito entre os membros é mais bem reconhecido pelo cliente do que o que é dito pelo próprio psicólogo, além de já ter um efeito terapêutico o lidar com pessoas que sofrem com ele.

Com base nisso pode-se perceber que o acolhimento que ocorre no grupo tem um efeito diferente e muitas vezes é mais forte do que o que se tem em uma relação dual psicoterapeuta-cliente. Dessa forma, ao mesmo tempo em que não são todos os casos indicados para a psicoterapia em grupo, há casos em que se têm respostas até mais rápidas por razão daquilo que é mobilizado no cliente pelo grupo.

Além disso, dentro do grupo, o psicólogo pode perceber como se dá o relacionamento entre os membros, considerando que o modo de ser-no-mundo do cliente mostra-se também na relação entre ele e os outros clientes.

Outros benefícios elencados sobre a fenomenologia para o trabalho com grupos foram: valorização da vivência do “aqui e agora”; maior liberdade do psicólogo que sem partir de um modelo previamente decidido pode atender melhor às demandas; manter-se fiel ao fenômeno, tendo um acesso mais direto a ele; maior possibilidade de o cliente encontrar novas formas de lidar com determinada situação, entre outros.

5. CONCLUSÃO

Através da presente pesquisa pode concluir que de acordo com os profissionais entrevistados não há material em quantidade significativa sobre o trabalho com grupos na abordagem fenomenológico-existencial, mas que esse é um modelo de trabalho com efeitos terapêuticos tão importantes quanto ou até maiores que a psicoterapia individual e ao mesmo tempo é um modelo de trabalho que, assim como discutido nessa pesquisa, faz frente às demandas sociais.

Embora em alguns casos não seja indicado e o psicólogo deva se manter atento a isso, há casos em que o retorno acaba sendo até mais rápido por aquilo que o grupo mobiliza no sujeito.

O modelo de trabalho da psicoterapia em grupo tem sido mais utilizado atualmente, mas pelo que indicam as bibliografias e sujeitos entrevistados, ainda seria necessário que fosse mais expandida a sua aplicação.

De acordo com a pesquisa pode-se perceber que o método fenomenológico-existencial mostra-se aplicável à psicoterapia em grupo, trazendo resultados interessantes, porém entendo que ainda precisaria se discutir mais sobre o assunto, sendo necessário que houvesse uma maior investigação sobre a prática e uma ampliação da bibliografia disponível, como uma forma de aprimorar a prática e trazer melhores resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. N. de & MORATO, H. T., Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. Estudos de Psicologia (Natal) [online]. 2004, vol.9, n.2, pp. 345-353.

BECHELLI, Luiz Paulo de C. and SANTOS, Manoel Antônio dos. Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2004, vol.12, n.2, pp. 242-249.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP Nº 016/2000 de 20 de Dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF, 2000

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Sobre o Trabalho de Campo. Caderno de Pesquisa, n 115, p. 139-154, 2002. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 22/09/2010.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. Estudos de Psicologia. 2004, vol.9, n.2, pp. 381-387.

FORGHIERI, Y. C. Contribuições da fenomenologia para o estudo de vivências. Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, 2 (01): 7-20, 1989

FORGHIERI, Y. C. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Ed. Thomson, 2000.

FORGHIERI, Y. C. Aconselhamento Terapêutico: origens, fundamentos e práticas. Ed. Thomson Learning, 2006.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997

GIL, A. C. . Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 29, n. 4, Aug. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 12/10/2010.

POLIT, D. F. & HUNGLER, B. P. Nursing research: principles and methods. Philadelphia: Ed. Lippincott, 7^aed., 2004.

ROEHE, Marcelo Vial. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. Estudos de Psicologia. Natal: 2006, vol.11, n.2, pp. 153-158.

YALOM, I.D. & LESZCZ M.. Psicoterapia de Grupo: Teoria e Prática. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa – Porto Alegre: Artmed, 2006. 5ed. Cap.1, 2, 3 e 4.